

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

154

INSCRIÇÕES 614-616



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



PLACA FUNERÁRIA ROMANA DO LARGO DA SÉ
(VISEU)
(*Conventus Scallabitanus*)

Fragmento de uma placa, de granito rosa-acastanhado, de grão médio, com parte de uma inscrição funerária romana. Foi encontrada, em 1999, sem qualquer contexto estratigráfico, durante a sondagem arqueológica realizada num edifício em remodelação no Centro Histórico de Viseu, localizado, portanto, do ponto de vista administrativo actual, na União das Freguesias de Viseu (cidade), concelho de Viseu.

Estamos, sensivelmente, perante a metade superior direita de uma epígrafe, que, pela sua inusitada espessura (FIG. 1), se destinava a ser encastrada, inclusive com funções construtivas, no frontispício de um monumento tumular, quiçá um jazigo, onde não apenas viria a ser sepultada a defunta aqui identificada, como a demais família. Não apresentam, por isso, nenhum tratamento as faces laterais e a posterior, apenas ficando à mostra o campo epigráfico grosseiramente envolvido por uma ranhura feita com goiva, dado o seu perfil curvo, a que se segue uma faixa, saliente em relação ao campo epigráfico, que é rebaixado (FIG. 2). São irregulares as fracturas esquerda e inferior, na medida em que apenas interessou obter o tamanho pretendido para a reutilização como elemento arquitectónico.

Dimensões: (35,5) x (38) x 24.

Campo epigráfico: (28) x (32).

[...] A · PELLI · F(*ilia*) AN(*norum*) LX (*sexaginta*) /
[H(*ic*) · S(*ita*) · E(*st*) ·] S(*it*) · T(*ibi*) · T(*erra*) · L(*ev*is) / [...]S ·
ET / [...] [MAT]RI [?] · F(*aciendum*) C(*uraverunt*)

Aqui jaz ...a, filha de Pelo, de sessenta anos. Que a terra te seja leve. [...] e [...] mandaram fazer à mãe (?).

Altura das letras: l. 1: 5,5; l. 2: 6; l. 3: 5,5; l. 4: ? Espaços: l. 1: 1; 2 e 3: 0,5; 4: 1.

Podemos deduzir que a paginação terá sido muito cuidada e a gravação também, mediante o uso da goiva para os traços principais de cada letra e o badame para os travessões. Isto nos parece, atentando, por exemplo, na fina leveza dos longos travessões do T. Sente-se a presença prévia de linhas auxiliares, mormente devido às serifas inferiores em letras como esses mesmos TT. Aliás, perpassa por todo o texto, espaçadas as letras, pontuação virtualmente em forma de vírgula (mais ou menos funda e pronunciada), um saber epigráfico bem patente, nomeadamente, na elegância do A, quer o primeiro hoje visível, quer o do nexa NA, com a perna da esquerda a fazer vértice antes do termo superior da da direita. Os caracteres obedecem, de facto, a uma gramática actuária, visível no ar alongado do A, no P que não é fechado, na verticalidade do conjunto...

Creemos não padecer dúvida a leitura, porquanto se reconstitui bem o X no final da l. 1 e está quase completo o S da l. 2, assim como se nos afigura crível a sua existência na l. 3. Atendendo a que se trata de uma defunta – assim o documenta a terminação feminina –a, antes do patronímico, na l. 1; considerando o ET da l. 3, os dedicantes serão, naturalmente, os filhos e, por isso, uma vez que se vislumbra a parte superior de um R seguido de I, na l. 4, a defunta será a sua mãe, falecida em propecta idade, mencionada aqui, mui verosimilmente, arredondada em lustros. A fórmula final – F(*aciendum*) C(*uraverunt*) – igualmente se reconstitui sem dificuldade, porque de ambos os caracteres nos resta a metade superior.

Para além de ser mais um testemunho da presença romana na cidade de Viseu, notável pelo apuro técnico demonstrado, esta epígrafe confirma, por isso mesmo, a rápida adesão da população autóctone aos cânones culturais romanos. A defunta só se identificaria com um nome, seguido do patronímico, à boa maneira indígena, *Pellius* ou *Pellus*.

María Lourdes Albertos, na senda, comum no seu tempo, de procurar o significado do nome, mediante a relação com radicais indoeuropeus, considerou a possibilidade de estarmos, no caso deste antropónimo indígena, perante um derivado do radical indoeuropeu **pel-*, «raiz que designa cores apagadas, ‘gris, pálido’, atestiguada en muchas lenguas europeas, incluso el celta, pero éste no sería la base de los nombres hispánicos debido a la conservación de la P-»¹. Foi antropónimo – assim como os que lhe são aparentados, *Pelius*, *Pellio*, *Pellus* – que mereceu, assim, a análise de Vallejo, de modo particular nas p. 368-369. É de opinião que, pelo facto de quase todos os testemunhos se situarem em território lusitano, «no hay muchas dudas sobre el indigenismo de la mayoría» dos antropónimos com esse radical, de cuja distribuição na Península Ibérica apresenta mapa na p. 368. Aponta, porém, a possibilidade de ter havido «contaminación com algún radical latino, dada la existencia de un gentilicio, aunque debe decirse que no se encuentra muy extendido» (p. 369)². A experiência parece mostrar, de facto, que bastantes antropónimos a princípio classificados como indígenas, por serem de uso muito mais frequente na Península do que noutros locais do Império e por se lhes poder atribuir um radical estranho à nomenclatura romana, poderão, na verdade, não passar de apropriação, pelos indígenas, dessa onomástica latina. Neste caso, foi o *nomen* latino *Pellius* que passou a ser usado, especialmente na Lusitânia, como nome único, à maneira indígena, e sobretudo como patronímico.

Não há, pois, que contestar a característica «lusitana» do seu uso e podemos acrescentar outro aspecto que não deixa de

¹ ALBERTOS FIRMAT (M^a Lourdes), *La Onomastica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Betica*, Salamanca, 1966, p. 179.

² VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005.

ser significativo: é que um dos outros testemunhos conhecidos provém, segundo a primeira informação, do Alto do Viso, reaproveitado numa torre, do lado oriental de Viseu. Trata-se do epitáfio mandado lavrar pelo irmão, *Flacus*, a *Frontonius*, *Pelli filius*. João L. Inês Vaz, referindo também o que escreveu Albertos, afirma, peremptório:

«*Pellus* é um nome indígena exclusivo da Lusitânia. Dos sete exemplares que se conhecem, seis situam-se entre o Douro e o Tejo e apenas um, em Astorga, a norte daquele rio. O contexto em que aparecem também é sempre indígena, excepto num caso, Porto de Mós, em que se trata de um cidadão, licenciado de uma coorte dos Lusitanos».³

O novo achado, a atestar também relações familiares intensas, permite-nos pensar que o *Pellius*⁴ ora identificado pode ser a mesma pessoa mencionada na epígrafe do Alto do Viso. Assinalável coincidência!

Pela simplicidade e estrutura do texto e pela paleografia é, seguramente, epígrafe datável de meados do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JORGE ADOLFO M. MARQUES

³ VAZ (João L. Inês), *A Civitas de Viseu – Espaço e Sociedade*, Coimbra, 1997, p. 243. É a inscrição 50 do seu *corpus* (p. 242-243).

⁴ Ao comentar a ocorrência do genitivo *Pelli*, afirma Juan Manuel Abascal Palazón: «No es posible determinar a cuál de los dos nominativos conocidos (*Pellius*, *Pellus*) corresponden» (*Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 453).



1



2

616